



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística e Artes

O cosmonauta – uma apresentação

Alckmar Luiz dos Santos^a

^a Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina – alckmar@gmail.com

Estes comentários trazem uma imensa lacuna desde o nascedouro. Não só por serem fruto dessa óptica enviesada minha, que me arvorou aqui, a um só tempo, de autor e de comentador. O que mais falta... não é a distância de mínima imparcialidade. Tampouco é que soubesse passar incólume pelas tentações do autoelogio ao ir do comentário à criação. Não é, ao contrário, também não é minha própria falta. Parece que ouço a melancólica exclamação de Bentinho Santiago: “... mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo!” Ao contrário, há sobra de mim aqui, em tudo que tento colocar nestas linhas. O que falta, não está nisso, portanto! Todos sabemos muito bem: empreitadas como a do protagonista de *Dom Casmurro* não tem como chegar a bom termo, não é por uma exacerbação da nossa presença que calamos a falta do outro!

Adiantando a conversa: *O cosmonauta* fala também, fala sobretudo de uma epifania. Por essa imagem me deixo guiar, então. Que sejam estas linhas uma epifania, ainda que em tom menor, para meu leitor! Se assim for para vocês, certamente será também para mim! Desse modo, talvez, ao final, a dolorosa lacuna enunciada neste início seja menos pungente e a epifania não apenas inventada e lida, mas experimentada.

Mas fica a pergunta, ainda, latejando: como chegar a alguma experiência epifânica — essa excessiva presença de um outro, em nós —, partindo justamente do que é oposto, isto é, sua falta, sua lacuna?!... Talvez seja, primeiramente, pela presentificação desse outro que, até



agora, teimei em manter à sombra. Deixem-me fazer isso, então, apresentando o título da obra, em vez do título do comentário:

O cosmonauta

Criação digital de:

Alckmar Santos

Adir Filho

Wilton Azevedo (*in memoriam*)

E, depois da explicitação do que me falta, de quem nos falta a muitos de nós, posso agora avançar mais decididamente em direção à epifania mencionada acima, posso apagar-me, um pouco que seja, ao menos para que a presença da obra tome conta desta cena.

O cosmonauta foi pensado para ser uma recriação em ambiente digital de um episódio parcialmente verídico, parcialmente inventado, isto é, a experiência por que teria passado Ed Aldrin, o segundo homem a pisar na Lua. Impõe-se aqui uma digressão: nestas épocas de hiper-realismo exacerbado, obsessivo e doentio, em que tudo quer nos levar a um voyeurismo empobrecedor, a uma tirania do “baseado em fatos reais”, o propósito evidente d’*O cosmonauta* foi pôr toda a ênfase na arte e não numa suposta apresentação direta da realidade. O que se quis, desde o início, foi apresentar o leitor da obra a si mesmo, não explicitar ou desnudar a vida de um protagonista existente. *O cosmonauta* é arte, algo muito mais profundo do que essa suposta vida real medíocre e diretamente exibida nas redes sociais.

Nossa criação, assim, quis contar uma história, partindo de um episódio central: a conversão religiosa de um astronauta, depois de passar por uma experiência epifânica quando deixado a si mesmo, isolado, no espaço sideral, diante da Lua. Alguns pontos de apoio foram escolhidos para narrar, desse modo, a epifania de um personagem e, ao mesmo tempo, para tentar criar epifanias a cada leitura: poemas, multimedialidade, ambiente imersivo, interatividade. Contudo, nunca pareceu suficiente contar apenas o episódio específico da experiência epifânica: impunha-se também contar episódios (ficcionalizados, certamente) da vida desse protagonista, para que o leitor, aos poucos, até imperceptivelmente, fosse deslizando para

dentro de sua vida (e, posteriormente, para sentirem-se lucidamente postos diante de suas próprias vidas).

Aos poucos, os poemas foram escritos, buscando inventar uma biografia para esse cosmonauta. Primeiramente, foi produzido o longo poema (o mais longo deles todos) da epifania. Na sequência, escreveram-se aqueles que narram episódios ficcionalizados da vida do personagem, começando pela infância, em que teve formação religiosa, passando pela adolescência e juventude, quando se torna ateu, chegando, enfim, à maturidade e à epifania no espaço sideral. Delinearem-se, então, nesse momento quatro polos em torno dos quais a ambiência digital (conceito caro ao Wilton) foi arquitetada: razão, emoção, religião, ateísmo. Em outras palavras, surgiram aí quatro movimentos de significação que serviram também para sustentar as estratégias de interatividade e de imersão concebidas para a criação digital: conversão à religião pela emoção; conversão à religião pela razão; conversão ao ateísmo pela emoção; conversão ao ateísmo pela razão.

Com isso, chegamos ao resultado que poderá ser visto, lido e experimentado pelos leitores, bastando descarregar o arquivo indicado, descompactando-o e fazendo-o funcionar. E não se trata de criação que se esgote ao ser percorrida apenas uma vez: a cada leitura, outras sequências de outros poemas podem ser montadas pelo leitor, a partir dos quatro polos e dos quatro movimentos de significação acima mencionados. Ademais, várias referências intertextuais foram espalhadas em toda a criação, como é o caso de... Ora, o prazer da descoberta seria destruído se fossem aqui enumeradas. Afinal, o propósito é que cada descoberta possa se tornar uma pequena revelação, preparando aquela que possa ser a epifania total da leitura.

O que falta agora? Que cada um experimente sua epifania particular n’*O cosmonauta* e, por que não?!, em sua própria vida! Antes que “a indesejada das gentes” chegue, muito há que se ler e se viver. Se não por nós, ao menos para que permaneça a memória e se fale dos que tomaram a dianteira e se foram antes! Para que a presença deles, em nós, seja também uma sensação de epifania, assim como quando penso e sinto, em minha criação, a presença querida e fraterna de meu irmão Wilton Azevedo! *Evoé!*

O Cosmonauta está disponível, para *Windows* e *Mac*, em: <<http://nupill.ufsc.br/nproducao/>>.